



O percurso da semiótica na USP

Uma homenagem a Beth Brait, José Luiz Fiorin, Diana Luz Pessoa de Barros, Luiz Tatit e Norma Discini

NORMA DISCINI

1. BRECHT E A LINGUÍSTICA NA USP

Em “Cartilha para os cidadãos”, poema feito à moda de um manual, Bertold Brecht rememora a voz que lhe deu comandos, para ensiná-lo a conduzir-se no mundo. As ordens estão ligadas ao grito: “Apague os rastros!”.

Separe-se de seus amigos na estação
De manhã vá à cidade com o casaco abotoado
Procure alojamento, e quando seu camarada bater:
Não, não abra a porta.
Mas sim
Apague os rastros!

Se encontrar seus pais na cidade de Hamburgo ou em outro lugar,
Passe por eles como um estranho, vire a esquina, não os reconheça.
Abaxe sobre o rosto o chapéu que eles lhe deram
Não, não mostre seu rosto.
Mas sim

Apague os rastros!
[...]
[Você será]
Quem não estava presente, quem nada falou.
Como poderão apanhá-lo?
Apague os rastros!
[...]
(Assim me foi ensinado.)

Entendo que o lamento do dramaturgo alemão (1898-1956) diante daquilo que lhe ensinaram vai ao encontro do gesto dos professores do Departamento de Linguística da USP – esse gesto, que procura trazer à luz a continuidade da memória. Representados pelos organizadores deste evento, entre os quais cito Esmeralda Negrão e Ana Muller, encontram-se: a chefe do Departamento, Evani Viotti; a coordenadora da pós-graduação, Raquel Santana Santos; os professores todos de Linguística; os funcionários do nosso Departamento; a direção da Faculdade de Letras. Juntamente com os convidados que se deslocaram para poder estar aqui presentes, alinham-se todos à voz de Brecht, que ressoa na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Com Brecht, enfrentamos a tendência de, na celeridade contemporânea, apagar os rastros.

“Abaxe sobre o rosto o chapéu!” Brecht acrescenta a este verso, outros: “Entre em qualquer casa quando chover, sente em qualquer cadeira/ Mas não permaneça sentado. E não esqueça seu chapéu.” Na figura da peça do vestuário, que não pode ser abandonada, está o corpo interditado para espalhar os próprios rastros. Está o dever de não deixar escapar marcas do vivido. Alertado para manter-se disfarçado (*abaxe o chapéu*) e para temer as próprias pegadas (*não esqueça seu chapéu*), o sujeito alienado daquilo que pudesse ligar o passado ao presente confirma-se como ideal de presença.

Instituída no interior do poema, a voz de controle extrapola a mera interlocução estabelecida entre quem ordena e quem recebe ordens. Compõe-se o valor a ser partilhado com o leitor, a partir da voz autoritária: esse valor é a desvinculação da experiência, seja a nossa própria, seja a que inclui o saber acumulado pelas gerações que vieram antes de nós.

Mas o poeta denuncia o lado pernicioso, nocivo até dos imperativos. Esses mesmos imperativos do poema são negados, hoje, neste evento, que faz uma homenagem aos professores de Semiótica da USP – aposentados. Para além da observação feita da presença desses professores e do lugar da própria Semiótica dentro da instituição e fora dela, este é um movimento que aponta para a imagem de que alguma coisa de relevância pode conservar-se, apesar da passagem do tempo.

Na contramão das interdições expressas no poema, permanecemos não separados uns dos outros nesta estação ou nesta parada, que interrompe o tumulto cotidiano. Se a voz comandava: “Separe-se dos seus amigos na estação/ De manhã vá à cidade com o casaco abotoado” - contrários a ela, estamos à mercê do afeto, o que significa que desabotoamos o paletó.

Em relação ao chapéu aludido por Brecht, notamos que: se aqueles que prestam esta homenagem incitam o homenageado a mostrar o rosto, para que esse mesmo rosto seja reconhecido como participante de uma história, que é institucional e é humana; se os homenageados levantam sem receio qualquer véu que cobriria seu rosto e se propõem olhar publicamente para o próprio percurso na instituição, juntamo-nos todos no ato de jogar luzes sobre os rastros, que se confundem entre a vida de cada um e a história do Departamento de Linguística.

Com essa disposição eu me apresento. Mas, para isso, tenho de admitir-me próxima a outro poeta, já que é inevitável falar de contrastes, ao tocar na minha trajetória.

2. ANDANDO EM BRAVO MAR, PERDIDO O LENHO.

Camões, num soneto em que define o próprio e contraditório Amor, declara:

Olhai de que esperanças me mantenho!
Vede que perigosas seguranças!
Que não temo contrastes nem mudanças,
andando em bravo mar, perdido o lenho.

Dos meus contrastes, destaca-se o fato de que sou a única que foi aluna de todos os homenageados; a única que foi orientanda de mestrado e de doutorado de um deles, Fiorin – embora seja a mais velha deles todos. Esses professores me instruíram na Semiótica, para não dizer que me encantaram com seus saberes nesse campo do conhecimento. Com o paletó aberto e com a testa desencoberta, saúdo, nos amigos de hoje, os grandes mestres que tive: Beth Brait; José Luiz Fiorin; Diana Luz Pessoa de Barros; Luiz Tatit. Ombreada com eles, tento apropriar-me do reconhecimento de mérito conjunto, proposto nesta homenagem.

Minha história no Departamento foi curta na soma dos anos. Professora de Língua Portuguesa na Educação Básica e, por décadas, autora de livro didático nessa área, pus-me a fazer mestrado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, de onde, para encerrar os créditos necessários ao cumprimento das disciplinas, dei um salto. Nos primeiros dias letivos do primeiro semestre de 1989, para fechar o quadro dos créditos do mestrado na PUC, começo a cursar a disciplina *Teoria da Análise do Discurso: Contribuição da Semiótica Soviética*, ministrada pelo Prof. Dr. José Luiz Fiorin, junto ao Departamento de Linguística. Lançavam-se âncoras para uma nova história. Fazendo crer que “pós-graduação é projeto de vida”, como costumava enfatizar; ensinando uma teoria do texto de maneira simples e grandiosa, em moldes nunca antes vistos por mim, fazia o professor abrirem-se as águas de qualquer história: *antes e depois; lá e aqui*. Usando um jargão de minha cidade de origem, Laranjal Paulista, “fugi com o circo”: comecei um novo mestrado na USP sem trazer os créditos garantidos no outro programa. Já com 44 anos, comecei “tarde” as atividades de pós-graduação, que, findas, permitiram-me tentar o ingresso no Concurso para Professor de Linguística e Semiótica da USP – e isso também como se diz – “tardamente”. Aprovada nesse concurso, o que confirma a USP e o Departamento como organizações democráticas, aí permaneci de 2003 a 2015, para então aposentar-me compulsoriamente: fiz 70 anos em novembro de 2015, alguns dias antes de poder ser favorecida pela “PEC da Bengala” – lei que instituía para o funcionário público o direito de trabalhar até os 75. Mas, diante das marcas numéricas, pergunto: O que é *tarde*? O que é *tardio*? Expressa em grafia arcaica, uma voz testemunha a teimosia do respirar humano e avisa: “[...] a chamma, que a vida em nós creou/ Se ainda há vida, ainda não é finda”.

Amparada por esse alerta e na perspectiva de que a demarcação e a contagem do tempo são convenções próprias aos calendários e aos relógios, procuro acercar-me de meu tempo “de casa”, olhando para o que vivi no intervalo entre o início e o fim de professor “da ativa”. Vivi, como professora de Linguística e de Semiótica na USP, um dos mais profundos graus de impacto de minha experiência, intelectual e humana. Com base na obra de Greimas e de Zilberberg, principalmente, contemplei a Semiótica nas suas possibilidades interdisciplinares, o que significa acolher as vizinhanças com a Análise do Discurso de linha francesa (Maingueneau), com o pensamento de Bakhtin e do Círculo e com a fenomenologia da percepção (Merleau-Ponty).

No dia-a-dia do Departamento, recebi como dádiva a convivência com os colegas e com a área de estudos que cada um representa. Trabalhei com eles de fato. Juntos, procuramos promover o diálogo entre os diferentes conteúdos de nossas disciplinas, na experiência, única, que é ministrar, na graduação, para todos os alunos das Letras, o curso de Elementos de Linguística I e II. Nesse curso, em que se prioriza a transversalidade do conhecimento linguístico, rompem-se os contornos entre os diferentes quadros teóricos, sem que se percam as especificidades convocadas. A posição investigativa diante da linguagem humana sai beneficiada, enquanto, para ilustrar, lembramos que o semioticista dá aula sobre o gerativismo de Chomsky, e a recíproca acontece. A partir da polêmica esperada, aguça-se a criatividade. Operar desse modo com os fatos da língua e do discurso constitui um desafio que renova o que é estudado e renova o horizonte do estudioso – se ele consente nisso.

Beneficiei-me do conhecimento dos colegas de outras áreas da Linguística não só nessa empreitada. Beneficiei-me sem dúvida da interação com os colegas da própria Semiótica: Ivã Carlos Lopes; Antonio Vicente Pietroforte; Waldir Bevidas. Brindei com todos os professores do Departamento suas conquistas, como as teses de livre docência e as titularidades defendidas. Brindei com meus orientandos ao bom êxito de suas dissertações e teses. Isso me compõe como *sujeito-no-mundo*.

Naquele soneto de Camões, tamanha era a natureza controversa do Amor, que o poeta se considerava “andando em bravo mar, perdido o lenho”. *Lenho* é tronco ou peça robusta de madeira; tronco de árvore cortado e limpo de galhos e folhas; é, enfim, embarcação a ser usada em alto mar. Se, de um lado, o papel de professora de

Linguística e de Semiótica desse Departamento foi, é, e será – um lenho no qual me equilíbrio –, perder o lenho passa a significar um ganho, naquilo que o proveito contém de impeditivo da cristalização do pensamento. A curiosidade científica sai favorecida por ter trabalhado aí. O ganho está em especial na incorporação da atitude de investigação dos fatos da língua; está na intersecção viabilizada da Linguística com outros domínios do conhecimento – como a Literatura.

Com o benefício da poesia, anteriormente surgiram rastros da memória como algo desejável. Ainda com o benefício da poesia, enfatizo minha gratidão a Marcos Lopes e a Mariana Luz Pessoa de Barros, aquele e esta cúmplices em muitos embates: a gentileza e a generosidade com que compuseram hoje meu perfil me acompanharão como eco de melodia boa para meu coração. Ainda com o benefício da poesia encerro meus agradecimentos a esta homenagem e reitero minha gratidão a cada um que aqui esteve presente, ao longo deste dia: os alunos; os orientandos e ex-orientandos; os familiares dos homenageados; os professores, amigos de outras instituições; a comissão de alunos e ex-alunos que ajudaram na organização deste evento. Faço um brinde final àquela chama da vida, que, sugerida por Fernando Pessoa, anuncia o que está por vir – para todos nós, numa PRECE:

Senhor, a noite veio e a alma é vil
Tanta foi a tormenta e a vontade!
Restam-nos hoje no silêncio hostil,
O mar universal e a saudade.

Mas a chamma, que a vida em nós creou,
Se ainda há vida ainda não é finda.
O frio morto em cinzas a ocultou:
A mão do vento pode erguê-la ainda.

Dá o sopro, a aragem, - ou a desgraça ou ancia -,
Com que a chamma do esforço se remoça.
E outra vez conquistemos a Distancia –
Do mar ou outra, mas que seja nossa!

